

A escrita do hipertexto: produção textual no ciberespaço.

Maria Julia Costa Arantes

Departamento de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)- julia_arantes@hotmail.com

Abstract. *In this paper we present the study developed about the analysis of hypertext writing as a textual production in cyberspace. In the current context, in which the computer is used as a support in writing and reading, we can observe the significant presence of hypertext characterized by the different possibilities of reading choices and on-line interferences allowed by this technology. On the other hand, since hypertext is characterized as a textual production, we propose to analyze electronic hypertext and its connection with Textual Linguistics. Based on many theories about Textual Linguistics and Eletronic Technology, we propose a hypertext writing model aimed at identifying the characteristics and strategies involved in its production. We analyze the hypertext production process during the development of an institutional web site. We conclude that the production of hypertext, in an electronic media, is subject to the textuality conditions and the characteristics inherent to the nature of hypertext from the point of view of its access by the reader.*

Keywords. *Textual Linguistics; hypertext; writing; cyberspace.*

Resumo. *Neste artigo, tem-se por objetivo apresentar um estudo desenvolvido acerca da produção escrita do hipertexto no ciberespaço¹, em que constatamos as estratégias e procedimentos de escrita presentes na construção de um site. Considerando que os sites apresentam uma estrutura hipertextual que, ao contrário do que ocorre com um texto impresso linear, caracteriza-se principalmente pela possibilidade de escolha de caminhos de leituras e interferências on-line e que cada texto é autônomo, permitindo a leitura não linear e ocorrendo num espaço virtual, partimos da idéia de que o produtor/escritor do hipertexto deverá levar em conta, no momento da escrita, os aspectos relacionados ao acesso do hipertexto pelo leitor e deverá produzi-lo com base nas condições de textuality. Com base em fundamentos teóricos da Lingüística Textual e da Tecnociência², analisamos o processo de produção escrita de um site por meio da proposta de um modelo de escrita de hipertexto, elaborado para sistematizar a análise. Concluimos que a produção do hipertexto está sujeita aos aspectos de textuality, por se tratar de produção textual, e às características particulares que são inerentes à própria natureza do hipertexto, permitidas pela tecnologia em que se insere.*

Palavras-chave. *Lingüística Textual; hipertexto; escrita; ciberespaço.*

Introdução:

Computadores e redes digitais têm uma presença cada vez mais acentuada em nosso cotidiano. Nada parece deter o crescimento da Internet, rede mundial que interliga computadores e usuários, a qual incorporou ao nosso vocabulário um termo que, há poucos anos, fazia parte dos domínios de ficção científica: o ciberespaço.

Dentre as mudanças ocasionadas, uma atinge o texto, que passa a ser lido e produzido também no ambiente virtual. Entendemos que não se pode afirmar que há uma substituição da produção textual, e menos ainda o aparecimento de um novo texto. O que temos é a necessidade de adequação do texto a um espaço novo³. Diante disso, torna-se necessária a revisão de estratégias de produção e compreensão de texto, da noção de relevância e dos sistemas de classificação e ligação dos conhecimentos.

Lévy (1996) refere-se à virtualidade como uma alteração radical na forma de conceber o tempo, o espaço e, mesmo, os relacionamentos, e define o virtual como oposição ao atual e não ao real, uma vez que a *virtualização* é a unidade de tempo sem a unidade de lugar. Para o autor, a virtualização é a *potencialização* do real, pois ela é um dos principais vetores da criação da realidade e a sua principal modalidade é o desprendimento do aqui e do agora.

No texto da Internet, há a possibilidade de localizar rapidamente qualquer palavra ou conceito e de produzir elos de ligação entre suas diferentes partes, de modo a permitir uma leitura de penetração não linear ou a recorrer também a fontes não verbais, tais como sons e imagens fixas ou em movimento.

Ao tratarmos da *virtualização* do texto e da leitura, estamos nos referindo ao hipertexto, que contribui para produzir acontecimentos de atualização textual, de navegação e de leitura. Nesse contexto, abordamos a escrita do hipertexto, por meio da análise do processo de escrita de um *site*, a fim de contribuir cientificamente para a compreensão mais ampla da produção textual na Internet, à luz da Lingüística Textual.

Tomamos a escrita do hipertexto eletrônico como uma produção textual no ciberespaço e a relacionamos às noções de textualidade. Ao partirmos da idéia de que o hipertexto é uma espécie de escrita que contém uma infinidade de textos, sobre diversos temas, apresentados em nós cujos *links*, ativados pelo leitor, permitem a atualização dos textos escolhidos (Lévy, 1993), analisamos sua escrita com base nas condições de textualidade.

Inicialmente, apresentaremos o modelo de escrita de hipertexto elaborado para sistematizar a análise do processo de escrita, durante a produção do *site*, que elaboramos com base nas vertentes da Lingüística Textual e na concepção de hipertexto, com suas características específicas. Em seguida, mostraremos alguns aspectos da escrita hipertextual, observados durante o processo de escrita de um *site* que foi analisado com base no modelo proposto.

Modelo de escrita do hipertexto:

A elaboração do modelo teve como base as operações textuais-discursivas de retextualização propostas por Marcuschi (2000), pois partimos do princípio de que a escrita hipertextual ocorre por meio de várias escritas, constituindo uma atividade de retextualização na passagem de um texto escrito a outro texto escrito de natureza hipertextual, que apresentará, na sua versão final, as características do hipertexto.

Consideramos também no modelo, os aspectos necessários para a constituição de um hipertexto, que são: a coerência local e global; a coesão; a intertextualidade; os tipos de distribuição dos *links*; os graus de segmentação do hipertexto e as marcas de oralidade, propondo, na análise, um paralelo com as categorias de expansão e condensação, presentes na superestrutura textual.

Antes de apresentarmos o modelo, devemos deixar claro que partimos da idéia de que o texto de um *site* apresenta uma estrutura hipertextual e, portanto, contém as características de hipertexto, apontadas por Marcuschi (2000), do ponto de vista do leitor: não-linearidade (multilinearidade), volatilidade, acesso ilimitado, espacialidade topográfica, mutisssemiose, fragmentariedade e interatividade.

Chamamos a atenção para o fato de que tais características baseiam-se na leitura hipertextual, num espaço virtual. Desse modo, para a construção do nosso modelo, elas serviram de contraponto uma vez que estamos tratando da escrita. Esse cenário nos conduz aos seguintes questionamentos:

Do ponto de vista da produção textual, existe uma não-linearidade?

A construção do hipertexto é volátil, não tendo a mesma estabilidade dos textos de livros?

Sua produção não é hierárquica?

Para torná-lo um texto fragmentário, sua produção deve ou não seguir um raciocínio linear?

Para propor uma interatividade, o produtor deve ou não produzir o texto tendo em mente as diversas possibilidades de leitura que irá disponibilizar, uma vez que as ligações (links) são previstas, devendo providenciar a possibilidade de coerência?

Entendemos que a construção do hipertexto, num espaço virtual, segue os padrões de textualidade de um texto tradicional. A sua escrita parte inicialmente de uma ordem linear, hierárquica e não fragmentada, por essa razão, quando se trata de sua apresentação no espaço virtual, tais características deverão ser levadas em consideração. A diferença é que o produtor-escritor do hipertexto deverá ter em mente a não-linearidade, a volatilidade, a não-hierarquização, a fragmentação, a interatividade, entre outras características, a fim de proporcioná-las ao leitor durante a leitura hipertextual.

Estabelecemos, então, para o modelo de escrita do hipertexto, as seguintes operações que seguem regras de regularização, idealização e transformação, circunscritas às estratégias de eliminação, inserção, substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação:

Texto escrito base**(Texto-Base)**

1ª OPERAÇÃO - Seleção dos assuntos: após a leitura do texto-base, o produtor deverá selecionar as informações principais, palavras ou expressões-chave, para colocá-las no formato de *links*⁴, condensando as informações em *links*, verbais ou visuais (*estratégia de eliminação* para a condensação lingüística);

2ª OPERAÇÃO - Segmentação para a introdução dos *links*: “definição” dos *frames*⁵; agrupamento do conteúdo tendo como base o que é relevante para a escrita da “porção textual” e trabalhando a coerência local (*estratégia de inserção*);

3ª OPERAÇÃO - Reconstrução dos tópicos (*frames*), estabelecendo o tipo de distribuição dos *links* e os diferentes graus de segmentação do hipertexto (*estratégia de reordenação*, expandindo os *frames* ao propor subdivisões);

4ª OPERAÇÃO - Reconstrução, encadeamento e reordenação sintática da ordem dos tópicos (*frames*) e da produção textual de pequenas “porções” de texto para cada *frame* escolhido, de acordo com as informações do texto base (*estratégia de reformulação* objetivando explicitá-las nos *links*);

5ª OPERAÇÃO - Tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas operações léxicas (*estratégia de substituição* visando à adequação do texto à comunicação *on-line* - linguagem mais informal, dialógica, adequação dos pronomes de tratamento etc.);

6ª OPERAÇÃO - Reordenação tópica do texto e reorganização da seqüência argumentativa, que se constitui por aberturas (expansões): reordenação dos *frames* visando possibilitar ao leitor a coerência global. Essa operação refere-se às suposições do autor em propor ao leitor, o acesso às múltiplas possibilidades de leitura. (*estratégia de estruturação argumentativa* que propicia muitas possibilidades de leitura);

7ª OPERAÇÃO - Agrupamento de argumentos expandindo as idéias, visando propiciar a interatividade e a intertextualidade nas diversas possibilidades de leitura (*estratégia de condensação* visando à expansão na leitura).

Hipertexto**(Texto-Alvo)**

Figura 1. Modelo de escrita hipertextual (Arantes, 2004: 97)

Postulamos cinco pressupostos básicos para a produção da escrita hipertextual:

- clareza sobre o assunto que vai ser abordado: o conceito deve estar claro e o produtor/escritor, na concepção do texto, deve ter uma previsão das inúmeras possibilidades de leitura de que o texto pode dispor. A informação deve estar centrada no usuário;
- conhecimento partilhado do assunto: quanto maior conhecimento partilhado o produtor/escritor e/ou leitor tiverem de um determinado texto, maior será a possibilidade de inferências e, da mesma forma, mais ampla será a possibilidade de o produtor/escritor prever as leituras que o leitor fará;
- coerência textual: é necessário não só que o leitor tenha a possibilidade de encontrar um fio condutor mas também que seja capaz de estabelecer relações entre os dados apresentados em sua progressão semântica; já o produtor/escritor de um hipertexto, no espaço virtual, trabalhará a coerência local, de modo a possibilitar ao leitor/navegador a busca da coerência global pelo caminho que percorrer;
- coesão textual: o produtor/escritor tratará tanto da organização léxico-gramatical para adequar o texto às características da comunicação *on-line*, quanto da disposição dos *links*, que são considerados os operadores de coesão hipertextual;

- interatividade: é necessário que o leitor tenha a possibilidade de interagir com o texto lido e seja capaz de criar seqüências textuais, já previstas pelo produtor/escritor do texto.

Tendo em vista esses pressupostos, bem como o modelo elaborado para sistematizar a análise do processo de escrita do hipertexto, que se refere à passagem de um texto-base escrito para a sua forma hipertextual por meio do uso de estratégias de eliminação, inserção, reformulação, reordenação, substituição, estruturação e condensação, partiremos, a seguir, para a apresentação de alguns aspectos teóricos observados na análise do processo de escrita de um *site*.

Vale ressaltar que a análise⁶ contou com as considerações acerca das categorias básicas de condensação e expansão do texto, que seguem regras de equivalência e hierarquização, e acerca dos tipos de distribuição dos *links*, bem como acerca dos diferentes graus de segmentação do hipertexto. Ela foi segmentada em duas etapas, a saber: a primeira refere-se ao início da produção escrita, partindo-se de um texto-base, em que foram consideradas as estratégias eliminação, inserção e reordenação; a segunda refere-se a uma forma já hipertextualizada, em que foram tomadas as estratégias de reformulação, substituição, estruturação e condensação, com o intuito de que se chegasse à versão final do texto.

Aspectos teóricos da escrita hipertextual:

Na análise realizada sobre o processo de escrita hipertextual, que teve como *corpus* de estudo o *site* do Museu da Imagem e do Som (MIS), verificamos que tal escrita baseia-se em fatores de textualidade e que, quanto à organização textual, caracteriza-se pela apresentação das categorias de designação na condensação e de definição e individuação na expansão do texto, as quais ocorrem com base em operações e estratégias textuais, envolvidas todas elas na atividade de reescrita ou retextualização, na qual se parte de um texto base escrito para a sua chegada à versão hipertextualizada, possibilitando ao leitor/usuário não-linearidade, volatilidade, acessibilidade ilimitada, espaço topográfico, multissemiótico, fragmentariedade e interatividade, características intrínsecas à natureza do hipertexto.

Por meio de fundamentos teóricos acerca da escrita, da textualidade e do hipertexto, que nos deram subsídios para a análise, constatamos que a escrita hipertextual apresenta estratégias e características que lhe são peculiares. Entre tais fundamentos presentes na produção hipertextual, observamos:

- os traços particulares da escrita eletrônica: a *flexibilidade*, a *interatividade* e a presença de *marcas de oralidade*;
- a textualidade na produção e recepção de textos, tomando por base os fatores de textualidade, apontados por Beaugrande&Dressler (1981), entre os quais destacamos a *coerência*, a *coesão* e a *intertextualidade*, essenciais para a constituição de um texto; as *categorias básicas de condensação e expansão* do texto descritivo, circunscritas em regras de equivalência e hierarquização, postuladas por Marquesi (1990);

- os aspectos cognitivos no processamento de um texto, estudadas por Fávero (2002), em que se toma o *frame* como o modelo cognitivo mais global; às *estratégias cognitivas* (de coerência local, esquemáticas etc.) que se baseiam nas inferências e intenções do leitor, abordadas por Van Dijk (2002);
- ao *modelo de operações textuais-discursivas na atividade de retextualização*, proposto por Marcuschi (2000);
- as características do hipertexto que destacamos a noção de coerência global e local; a presença de *links* associados aos operadores de coesão hipertextual e a intertextualidade, considerando, também, os elementos da natureza do hipertexto presentes no seu acesso pelo leitor.

Em resumo, a verificação da textualidade na produção do hipertexto evidenciou os seguintes aspectos:

- atividade de retextualização, constituída pela passagem de um texto escrito-base para a sua forma final hipertextual;
- estratégias textuais de:
 - a) *eliminação*, na seleção dos assuntos a serem tratados;
 - b) *inserção*, na escrita das pequenas porções textuais, tendo em vista a informação relevante para cada *frame* designado;
 - c) *reordenação*, na expansão dos *frames*, propondo subdivisões;
 - d) *reformulação*, na reordenação sintática da ordem dos *frames* e da produção textual dos blocos textuais, observada pela troca de papéis na relação entre hiperônimos e hipônimos;
 - e) *substituição*, no tratamento estilístico de novas estruturas sintáticas, adequando a linguagem à comunicação *on-line*, apresentando marcas da oralidade;
 - f) *estruturação*, na estruturação argumentativa do texto, possibilitando ao leitor/usuário uma coerência global. O escritor-produtor estrutura o texto baseando-se em suposições sobre os diversos interesses do leitor pela busca de informações e, conseqüentemente, pelas múltiplas possibilidades de leitura;
 - g) *condensação*, no agrupamento de argumentos, a qual permite expandir o conteúdo por meio de aberturas, tendo em vista a relação com o argumento principal.
- fatores de textualidade:
 - a) *coerência* local, quando nos referimos à atividade do escritor-produtor, e coerência global, relacionando-a ao seu estabelecimento pelo leitor/usuário;
 - b) *coesão*, apontada como a organização léxico-gramatical, que torna possível adequar o texto às características da comunicação *on-line* e, também, relacionada à disposição dos *links* - operadores de coesão hipertextual;
 - c) *intertextualidade*, relacionada à remissão do leitor/usuário a outros textos, por meio dos *links*, como marcas explícitas para a intertextualidade, propostas pelo escritor-produtor, e pelos diálogos que o leitor/usuário irá estabelecer com os textos, independentemente da conexão permitida.

- categorias de designação na condensação e da definição e individuação na expansão do texto, no que se refere à organização textual, mais especificamente à superestrutura, as quais podem ser visualizadas na figura abaixo:

The figure shows a screenshot of the MIS website interface. On the left, a navigation menu lists 'o museu', 'programação', 'informações', 'satis', and 'parcerias'. The main content area features a large image of people in a gallery space. A red dotted arrow points from the 'programação' menu item to a white box labeled 'Designação - programação'. Another red dotted arrow points from the 'apresentação' text at the bottom right of the main image to a white box labeled 'Definição-apresentação'. A third red dotted arrow points from the bottom of the main image to a white box labeled 'Individuação'. Below the 'Individuação' box is a detailed text block with a dark sidebar on the left containing 'PROGRAMAÇÃO OUTUBRO', 'MIS', 'CALENDARIO', and 'SECTOR'. The text block contains several paragraphs of text, including a general statement about the museum's commitment and specific details about the October program, such as the 'Formato Curta', 'Barômetro', and 'Sessão Pirueta'.

Designação - programação

Definição-apresentação

Individuação

PROGRAMAÇÃO OUTUBRO

MIS

CALENDARIO

SECTOR

Em sua programação de outubro, o MIS reafirma seu empenho em tomar o pulso estético e social do mundo contemporâneo.

Formato Curta, estreando entre os projetos permanentes do setor do audiovisual, reúne novas produções curtas de variadas procedências e um compromisso comum: instigar.

Barômetro, voltado ao debate de idéias, examina neste mês o fenômeno dos blogs, em palestra do filósofo Rogério da Costa.

A criançada tem programa certo nas tardes de sábado com a **Sessão Pirueta**.

Reafirmando seu compromisso de apresentar regularmente o melhor da produção cinematográfica, o MIS insere-se mais uma vez no amplo circuito da **27ª Mostra BR de Cinema- Mostra Internacional de cinema de São Paulo**.

(fonte: www.mis.sp.gov.br / data de acesso: agosto de 2003)

Figura 2. Categorias textuais: definição, designação e individuação.

Tais aspectos relacionados à textualidade possibilitaram à constituição do hipertexto que, por sua vez, apresenta características particulares que são inerentes à sua própria

natureza, permitidas pela tecnologia em que se insere. Dessa maneira, tais características serviram de contraponto, na análise que nos propusemos a realizar, por estarem relacionadas à leitura do hipertexto, do ponto de vista de seu acesso pelo leitor/usuário. No entanto, elas também são fundamentais para a constituição do hipertexto, pois o escritor-produtor de um sistema hipertextual deverá levar em consideração, no momento da escrita, as características que permitirão a sua disposição e o seu acesso posterior pelo usuário, e que irão, certamente, interferir na organização da escrita do hipertexto.

Considerações finais:

No contexto contemporâneo de produção e recepção de textos, em que o computador se configura como suporte para escritas e leituras e como instrumento por meio do qual é possível produzir e editar imagens, compreendemos que também ele constitui a história da escrita. Por essa razão, consideramos que pesquisas sobre o seu uso e suas formas de produção são necessárias e relevantes para os estudos na área da Linguística Textual, uma vez que ele propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos e impõe a eles uma outra forma de inscrição.

Neste artigo, objetivamos tratar de um estudo realizado acerca da escrita do hipertexto, com o intuito de oferecer uma contribuição aos estudos inseridos na perspectiva da Linguística Textual, relacionando-a à tecnologia eletrônica. A trajetória histórica da escrita mostra que ela passou por vários modos que remetem à história de seus textos e de seus suportes de transmissão e disseminação: papiro, pergaminho, papel e tela do computador. Ao observar todo esse processo, entendemos que a evolução dos modos de produção da escrita, que ocorre de modo significativo pela influência da tecnologia, não acarreta, necessariamente, a substituição de um modo pelo outro, em seu detrimento. Consideramos, antes, que essa evolução constitui uma outra maneira de produzir a escrita, por ser realizada em outro suporte, apresentando, por isso mesmo, características próprias.

Partilhamos, desse modo, das concepções de Bolter (2001), que toma a passagem de uma mídia anterior para uma mais atual como um momento de mediação, em que são emprestadas e reorganizadas as características da escrita das mídias anteriores para a sua realização nas mídias atuais. A folha impressa, portanto, não implicou o fim da página manuscrita e o texto produzido eletronicamente não eliminou o texto impresso. Assim, a história da escrita não se constitui num movimento progressivo em que novas tecnologias foram assumindo e usurpando o lugar das precedentes: as formas emergentes, na verdade, envolveram as já existentes e cresceram com elas.

Da mesma maneira, vemos o hipertexto eletrônico como uma mediação dos hipertextos tradicionais, já que, diante da tecnologia eletrônica que possibilita a sua realização, referimo-nos a ele como a virtualização do texto e da leitura, que apresenta características particulares, como a possibilidade de interferências *on-line*, a velocidade e a facilidade pela busca de informações e o acesso a recursos verbais e visuais.

Vale ressaltar que o hipertexto não está apenas vinculado ao suporte digital. A sua realização não depende do espaço eletrônico. A Bíblia, por exemplo, foi um dos primeiros registros de hipertexto; a enciclopédia apresenta uma construção hipertextual, tanto em termos de sua organização escrita quanto de leitura, uma vez que utiliza as ferramentas de orientação que são os dicionários, léxicos, índices, etc. No entanto, o suporte eletrônico apresenta uma diferença considerável em relação aos hipertextos anteriores à informática: a

pesquisa nos índices, o uso dos instrumentos de orientação, de passagem de um nó para outro, fazem-se nele com grande rapidez. É uma nova arte de edição e de documentação.

Atualmente, as reflexões sobre o uso do hipertexto propõem repensar e redefinir algumas das noções que temos a respeito de como o conhecimento é adquirido, organizado e armazenado, e, também, propõem um convite para se pensar, à luz de um novo enfoque da textualidade, nos limites fronteiraços entre as posições autor-leitor, na própria noção de autoria e na relação que, como escritores e leitores de textos, temos mantido com esses textos eletrônicos.

Entre o vasto e não saturado campo para estudos relacionados ao hipertexto no espaço eletrônico, delimitamos este trabalho ao tratamento da escrita hipertextual, objetivando relacioná-la aos aspectos de textualidade uma vez que o hipertexto, em termos de sua produção e recepção, está sujeito às condições de textualidade, já que ele não constitui simplesmente um mero aglomerado de textos aleatórios.

Tratamos do hipertexto eletrônico propondo um olhar do ponto de vista de sua produção, focando o papel do escritor-produtor que, ao escrevê-lo, necessita seguir alguns procedimentos de produção textual, basicamente como fazemos de modo tradicional com o texto impresso. São eles: a apresentação clara do assunto que vai ser abordado; a previsão dos interesses dos leitores na elaboração de seu texto, centrando a informação no usuário (*usability*); o trabalho com a coerência e a coesão, bem como a consideração do acesso

Embora o sistema hipertextual apresente-se como complexo e aparentemente desordenado, do ponto de vista de sua produção há uma certa organização e seqüência, uma vez que, como já mostramos, estamos tratando basicamente de uma produção textual. Assim, escrever o hipertexto é, de certo modo, escrever o texto em seu sentido tradicional, ou seja, escrever o hipertexto implica levar em conta aspectos da textualidade e, também, o ambiente em que se está inserido, o seu contexto de produção e os recursos e ferramentas de que ele dispõe. Concluimos, então, que todos os aspectos apontados na análise do *corpus* dependem muito da forma como organizamos o *site* e, principalmente, do modo como as informações estão ali “disponibilizadas”.

Notas:

1. Tomamos o termo de Ciberespaço proposto por Lévy (1999, p. 17), chamado também de rede, que o define como o meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

2. Tecnociência é aqui compreendida como o fenômeno que caracteriza o movimento de inovação permanente que recobre o planeta de novos artefatos tecnológicos e visa analisar a interdependência entre as ciências e as técnicas no saber contemporâneo (Cf. ARAÚJO, 1998).

3. Utilizamos o termo *novo* relacionado à tecnologia, escrita, cultura e ao espaço, ainda que a presença da tecnologia da informática já não seja tão nova, uma vez que os primeiros computadores surgiram em 1945 e a disseminação de seu uso deu-se na década de 80. No entanto, os estudos relacionados à escrita e leitura no espaço virtual estão ocorrendo, com

mais frequência, apenas atualmente, razão pela qual consideramos apropriado utilizar o termo.

4.Os *links* são entendidos como operadores de coesão textual.

5.Entendemos por *frames*, neste contexto, os pequenos enquadramentos representados por palavras ou expressões-chave, que condensam um texto, possibilitando *links* para a leitura do hipertexto.

6.A análise realizada sobre o processo de escrita hipertextual, mais especificamente a construção do *site* do MIS- Museu da Imagem e do Som (2003), pode ser visualizada em Arantes (2004).

Referências Bibliográficas:

ARANTES, M.Julia C. A Escrita do Hipertexto. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa. Área de Concentração: Leitura e Redação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

ARAÚJO. H. R. (org.). *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade. 1998.

BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistic*. London: Longman. 1991.

_____. *New foundations for a science of text and discourse: cognitions, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Ablex.1997.

BELLONI, M. L. *Educação à Distância*. Campinas, SP: ed. Autores Associados.1999.

BOLTER, J. D. *Writing space: computers, hypertext, and the remediation of print*. 2. ed. London: Lawrence Erlbaum Associates, Inc. 2001.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP. 2002.

DEE-LUCAS, D. Effects of overview structure on study strategies and text representations for instructional hypertext. In: ROUET *et alii* (eds.). *Hypertext and Cognition*. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, pp.73-107. 1996.

ESPÉRET, E. Notes on hypertext: Cognition and language. In: ROUET *et alii* (eds.). *Hypertext and Cognition*. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum, pp. 109-136. 1996.

FÁVERO, L. *Coesão e coerência textuais*. 3ed. São Paulo: Ática. 2002.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Panthon. 1967.

JOYCE, M. *Of two minds. Hypertext pedagogy and poetics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press. 1995.

KAPLAN, N. & MOULTHROP, S. They became what they beheld: the futility of resistance in the space of eletronic writing. In: SELFE, C. & HILLIGOSS, S. (eds) *Literacy and computers*. New York: Modern Language Association. 1994.

- KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez. 2003.
- LANDOW, G.P. *Hyper/text/theory*. London: The Johns Hopkins University Press. 1994.
- _____ *Hypertext, hypermedia and literary studies: states of the art*. In: *Hypermedia and Literary Studies*. Cambridge: The MIT Press. 1991.
- LAUFER, R & SCAVETTA, D. *Texto, hipertexto e hipermídia*. Porto: Rés. (s/d).
- LÉVY, P. A emergência do cyberspace e as mutações culturais. In: PELLANDA, N. C. e PELLANDA, E. C. (orgs). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, pp. 13-23. 2000.
- _____ *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34. 1999.
- _____ *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34. 1996.
- _____ *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Ed 34.1993.
- MCLUHAN, M. *A galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Melhoramentos. 1967.
- MARCUSCHI, L. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez. 2001.
- _____ *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. In: AZEREDO, J.C. (org). *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes. 2000.
- MARQUESI, S. C. *Organização do texto descritivo em Língua Portuguesa*. São Paulo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1990.
- SNYDER, I. *Hypertext. The eletronic labyrinth*. Washington: New York University Press.1997.
- STANFORD, A . J. & GARROD, S. C. *Understanding written language*. Chicester: Wiley. 1981.
- VAN DIJK, T. A. *Cognição, discurso e interação*. 4^a ed. São Paulo: Contexto. 2002.
- YOUNG, T. Hipertexto: a concepção não linear da leitura. In: *Signos*, 27, junho. Lajeado: FATES/FECLAT. 1996.